

# APRESENTAÇÃO

## Multiletramentos, novos gêneros, linguagens digitais, Inteligência Artificial: enfrentamentos teóricos e práticos

O conceito de letramento ganha corpo, no Brasil, a partir dos anos de 1980, alertando para a necessidade de ampliação das noções de leitura e de escrita até então concebidas como “mera aquisição da ‘tecnologia’ do ler e do escrever” (Soares, 2009, p. 18). Com isso, educadores e pesquisadores passam a ocupar-se das múltiplas práticas sociais e semióticas em que são inseridos os sujeitos leitores. As tecnologias digitais, com seus suportes e modos de circulação de textos e imagens, exigem uma ampliação desse conceito, que passa a abarcar, por meio dos multiletramentos, práticas de leitura que recorrem, cada vez mais, a veículos digitais e cruzamentos entre linguagens.

O rápido avanço das tecnologias digitais também faz emergir novas linguagens e gêneros digitais. Além disso, o desenvolvimento e a ampla disseminação das tecnologias de Inteligência Artificial Generativa (IAGen) impõem inúmeras oportunidades e desafios para a educação linguística contemporânea. Assim, o objetivo principal desta publicação é o de reunir contribuições, ancoradas em diferentes teorias do texto e do discurso, que oferecem discussão teórica e proposições práticas sobre multiletramentos, gêneros emergentes, relações entre linguagens e suportes, Inteligência Artificial (IA) e modelos largos de linguagem (*large language models*).

Os textos aqui apresentados revelam uma preocupação em compreender e enfrentar os desafios impostos pelos fenômenos contemporâneos às práticas de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa e Línguas Estrangeiras e suas literaturas, incluindo processos de leitura, interpretação e produção de textos multimodais.

O contexto do presente dossiê de mudanças tecnológicas rápidas lembra o momento do encontro do *New London Group* (Cazden *et al.*, 1996), quando até ferramentas hoje consagradas, como *Powerpoint*, apareciam como novidades. A pedagogia dos multiletramentos surge naquele encontro com uma preocupação na relação entre a agência dos alunos como atores sociais e cidadãos de um lado, e, de outro, o poder discursivo, semiótico e midiático de estruturas sociais em franca transição para o mundo digital. Como é possível que os alunos se apropriem desses discursos e ferramentas novas para moldar um futuro social mais inclusivo? A metáfora de *design* vem ao encontro dessa preocupação. Os alunos que aprendem as estruturas da língua materna, das línguas estrangeiras, dos gêneros textuais, entre outros elementos, podem enxergar *designs* preexistentes, mas abertos à transformação (*re-design*). Hoje, a questão permanece – os alunos terão de adequar-se ao novo cenário tecnológico criado por outros ou terão agência para tomar atitudes, posicionar-se e mudar o mundo?

Uma segunda preocupação inicial dos autores da pedagogia dos multiletramentos também permanece relevante – a questão das diversidades cultural, racial, linguística, social, sexual e de gênero. Em 1996, o fenômeno da globalização parecia estar afetando o mundo inteiro da mesma maneira, porém, hoje, temos maior conhecimento da diversidade das globalizações e da importância da perspectiva de quem fala. A visão dos Estados Unidos ou da Europa é diferente da visão (e das condições de vida, transporte, moradia, comunicação) a partir da África do Sul ou do Brasil. Mais ainda, temos de levar em consideração as diferenças de construção de sentido e de navegação de discursos, salas de aula, e de abordagens pedagógicas dos alunos e professores

brasileiros. Para entender a riqueza dessa diversidade, a metáfora do *design* pode ser complementada com outras, como a da *gambiarra* (Windle, 2017), dando destaque para a criatividade e o improviso ante condições adversas.

O número é aberto pela entrevista realizada com a pesquisadora Walkyria Monte Mor, que apresenta um breve histórico dos conceitos de letramentos e multiletramentos, principalmente no contexto brasileiro, e discute como a escola pode reagir às ameaças à democracia, para promover novos “desenhos sociais”, no contexto de formas de comunicação e sociabilidade em fluxo. Na entrevista, são discutidas as oportunidades e os desafios que os chamados “novos gêneros digitais”, apresentam para os professores de línguas na cibercultura. A pesquisadora também aborda o papel do professor e da professora cidadã nos dias de hoje, comparando com outros momentos históricos, e, por fim, discute os desafios que os professores de linguagem enfrentam com a emergência de novos gêneros digitais e sua inclusão na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), trazendo sugestões de como trabalhar com esses gêneros nas aulas de linguagens.

Além da entrevista, o dossiê apresenta 15 artigos, organizados em 3 blocos temáticos. Os cinco artigos que compõem o primeiro bloco abordam os desafios da IA nos contextos de sala de aula de línguas, na formação de professores e na disseminação de vieses e preconceitos, além da necessidade de uma nova agenda para o letramento na era da IA. O segundo conjunto de textos se volta para línguas estrangeiras e globalização, analisando práticas de letramento além da sala de aula, a influência comercial no ensino público e inovações na educação linguística nos contextos de formação e de ensino básico. Por fim, são reunidos textos que analisam de que forma as novas tecnologias e as demais questões que elas abarcam representam desafios ao ensino de Língua Portuguesa e apresentam consequências para o currículo. Nesse último bloco, os artigos versam sobre a discussão dos multiletramentos, suas relações com a multimodalidade, a *transmidialidade*

e os documentos oficiais de diretrizes ao ensino. Passemos ao detalhamento desses textos.

O artigo que abre este dossiê, de autoria de Vânia Castro, Bill Cope e Mary Kalantzis, “Letramento na era da Inteligência Artificial”, investiga as implicações da IA Generativa no ensino e aprendizagem da alfabetização e do letramento. Os autores exploram os desafios e impactos dessa tecnologia nas práticas de letramento e apresentam um estudo de caso que ilustra a implementação prática da IA Generativa em um ambiente de aprendizagem *online* para *feedback* e avaliação de textos multimodais. Por fim, os autores delineiam para o ensino e para a aprendizagem de línguas, propondo uma nova agenda para o letramento na era da IA Generativa.

Em “A formação inicial de professores em tempos de inteligência artificial: foco nas percepções dos formadores”, Andressa Cristina Molinari e Samantha Ramos investigam como professores formadores vislumbram os desafios impostos pela IA na formação inicial de professores de línguas. O estudo descritivo de cunho qualitativo investigou problemáticas para a formação de professores no contexto da IA Generativa com base em dados gerados pelo próprio ChatGPT e depois utilizados em entrevistas com professores formadores, a fim de identificar suas percepções em relação ao trabalho na formação inicial de professores de línguas. Os resultados indicam a necessidade de um letramento em IA por parte dos professores formadores e dos licenciandos.

O artigo “Inteligência Artificial Gerativa, corpos ‘perfeitos’ e a colonialidade estética contra a mulher”, de Simone Hashiguti, Fabiane Lemes e Isabella Zaiden Zara Fagundes aborda a geração de imagens por tecnologias de IA Generativa com base em uma lógica colonial pautada em padrões estéticos eurocêntricos e hegemônicos. As autoras apresentam e discutem imagens de corpos de mulheres geradas por sistemas de IA sob essa lógica colonial e apontam para a necessidade de incluir-se essa discussão na sala de aula de línguas sob uma perspectiva de educação linguística crítica.

Ocupando-se, ainda, dos desafios trazidos pela IA ao ensino, temos o artigo “Inteligência Artificial: precauções e contribuições no ensino de língua portuguesa (produção textual)”, de Fábio André Coelho e Diniz Duarte de Souza. Dando ênfase ao ensino de Língua Portuguesa, o estudo tem por objetivo revelar contribuições que a IA generativa pode trazer ao ensino de Produção Textual. Os autores analisam recursos da versão gratuita do ChatGPT, a Tutoria Virtual e o Ensino Personalizado, considerando que tais ferramentas contribuem para uma maior democratização e acessibilidade àquelas disponibilizadas pela Inteligência Artificial.

O artigo de Débora Praxedes; Glícia Azevedo e Rômulo Albuquerque, “Produção de um episódio de *podcast* com o uso da inteligência artificial via oficina de multiletramentos”,

analisa como a construção de *podcasts* com o uso da IA em atividades escolares pode estimular ou diminuir o potencial crítico e criativo dos estudantes. Os resultados do estudo indicam que as participantes não apenas se apropriaram dos multiletramentos relacionados com as competências da cultura digital e da argumentação como também usaram as tecnologias de IA de forma crítica e criativa. Os autores concluem que a IA pode configurar-se como um artefato multimidiático relevante para as práticas escolares na sociedade contemporânea.

Dois artigos abordam as dinâmicas geopolíticas de formas contemporâneas de letramento. Num artigo plurivocal, um coletivo de autores de três continentes utilizam diversos gêneros textuais para demonstrar formas de protagonismo “de baixo para cima” dentro de práticas de letramento. Com o título “Explorando letramentos globais: provocações lúdicas para conectar, resistir e inspirar ação social”, essa contribuição destaca a importância de reconhecer as diversidades linguísticas, sociais, e culturais, por um lado, e de participar em lutas tanto em escala local quanto global, por outro.

Tomando outra perspectiva, Souza Mizan e Daniel Ferraz mostram a força da globalização “de cima para baixo”, com sua análise da adoção de plataformas de ensino privatizadas na rede de ensino público de São Paulo. O artigo “Colonialismo digital na educação linguística: do discurso celebratório do norte global à colonização capitalista do sul global” chama a atenção para os mecanismos de opressão e de exploração, em escala macro, e para sua interferência, em escala micro, nas salas de aula. Esse trabalho identifica a colonialidade do poder nos usos de novas tecnologias que fica apagada numa certa euforia acerca das possibilidades do *Big Data*.

Em “Pedagogia dos multiletramentos: prática em sala de inglês”, Lidia Rocha Moraes mostra como uma educação cidadã também é possível em contexto de cursos livres, quebrando com a percepção de que esse setor reproduz ideologias linguísticas dominantes. A autora explora o uso do filme *live-action* “A Pequena Sereia” como base para uma sequência de aulas com o tema de racismo. Os alunos aprendem a posicionar-se diante de críticas racistas à escolha de uma atriz negra para interpretar a personagem principal, valendo-se de diversos textos e plataformas digitais, assim como em atividades colaborativas. Enfatiza-se no artigo que conhecer uma língua é saber usá-la para construir argumentos, não apenas dominar estruturas e vocabulário.

Continuamos com o tema do protagonismo dos alunos como produtores de conhecimento no seguinte artigo: “Movimentos do conhecimento em planos de aulas de língua inglesa para o estágio supervisionado”, da autoria de Marco Costa e Camilla Silva. Mesmo em contexto da pandemia de covid-19, os licenciandos demonstraram criatividade e inovação na elaboração de atividades de ensino-aprendizagem. Mobilizando o conceito de *design* da pedagogia de multiletramentos, os autores mostram como os graduandos conseguiram juntar elementos do seu ambiente físico ao ambiente virtual das aulas dentro das atividades propostas.

No próximo artigo, ainda no contexto de ensino de inglês, quatro autores abordam o “letramento literário”. Com o título “Práticas de multiletramento a partir de obras de William Shakespeare”, esse trabalho explica como as práticas do *Rehearsal Room Approach*, desenvolvidas na Inglaterra, foram apropriadas para oficinas no Brasil. Essas práticas valorizam a aprendizagem ativa, colaborativa e experimental, na qual professores e alunos assumem papéis de diretores e atores. Os alunos passaram por atividades de adaptação de obras de Shakespeare e de inserção de personagens dessas obras em contextos e cenários novos (inclusive, em perfis de relacionamento como o Tinder).

Passemos à apresentação do último bloco de textos. Em “Notícia *online* na aula de língua portuguesa do ensino médio: letramentos críticos à luz da BNCC”, Larissa da Motta Xavier e Ticiane Gacelin Oliveira avaliam o tratamento dado pela BNCC às possíveis contribuições das teorias sobre letramentos críticos para o ensino da leitura direcionado a estudantes do Ensino Médio. As autoras elegem como objeto de análise o gênero textual notícia *on-line*, observando-o por meio de um olhar interdisciplinar que põe em relação a Linguística Aplicada e à Análise do Discurso Materialista. O artigo faz uma leitura crítica da BNCC e problematiza a abordagem adotada pelo documento.

Voltando-se, também, para a questão dos letramentos, Naiá Sadi Câmara, no artigo “Letramentos transmídia na era da plataformação da educação”, propõe uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar dos Letramentos transmídia, fundamentada nos pressupostos da Linguística, da Semiótica e da Comunicação Social. O artigo investiga como a mudança para a educação *plataformizada* configura práticas educativas que afetam o processo de ensino e aprendizagens, ao inaugurar novas formas de produção, transmissão e aquisição do saber. O estudo comprova que, em relação à competência letrada dos alunos, são identificados problemas de leitura, interpretação e produção de textos complexos, sobretudo os teóricos e artísticos em função da

dispersão dos leitores. Por outro lado, a pesquisa demonstra que a internet promove possibilidades maiores de interação com o conhecimento de modo mais interativo.

Em “Análise de Recursos Educacionais Abertos à luz do conceito de “*Design-REA multimodal*”, Elaine Teixeira e Danieverlin Pereira discutem o conceito de “*Design-REA multimodal*”, a fim de avaliar Recursos Educacionais Abertos (REA) em uma plataforma de recursos educacionais para leitura e produção de textos para cursos de Licenciatura, e analisam dois REAs produzidos por estudantes de um curso de Especialização em Língua Portuguesa e disponibilizados na plataforma, buscando identificar os critérios que orientam o *Design-REA multimodal*, como o *design técnico*, o *design* de multiletramentos (multiletramentos e sociocultural) e o *design educacional*. As autoras concluem que esse conceito pode servir como metodologia para orientar a produção de REAs para o ensino de línguas.

Para discutir os multiletramentos em relação com o currículo, Renata Cristina Alves traz o artigo “Multiletramentos: um estudo quantitativo do currículo paulista”. Nele, a autora discute como os cadernos do *Currículo em ação* para o nono ano do Ensino Fundamental trataram quantitativamente a apropriação teórica do conceito de multiletramentos. O estudo defende que, a partir da publicação da BNCC, se ampliam as possibilidades teórico-metodológicas para tratar dos objetos de conhecimento em Língua Portuguesa. O estudo, então, busca contribuir para o entendimento sobre a didatização dos multiletramentos no âmbito da educação básica pública.

O último artigo do dossiê, intitulado “Projeto gráfico e mediação editorial da narrativa juvenil contemporânea: o caso de ‘A história do vai e volta’”, de Fabiano Tadeu Grazioli, investiga como são empregados recursos gráfico-visuais em livros destinados ao público jovem. O estudo propõe que o *design* gráfico funciona como um recurso articulador dos elementos que compõem a linguagem visual da obra, integrando o texto verbal e as ilustrações.

Para o autor, as linguagens verbal e visual se relacionam por meio da mediação do projeto gráfico, que funciona como uma espécie de mediador capaz de contribuir para a interação entre a obra multimodal e os jovens leitores.

O conjunto de artigos aqui apresentados e a entrevista, comprovam que tratar dos (multi)letramentos, da IA e suas implicações para o ensino de línguas estrangeiras e de língua materna, por meio de diferentes perspectivas textuais, discursivas e semióticas, é uma mais discussão do que necessária nos tempos atuais.

Silvia Maria de Sousa<sup>1</sup>

Cíntia Regina Lacerda Rabello<sup>2</sup>

Joel Austin Windle<sup>3</sup>

---

1 Silvia Maria de Sousa. Doutora em Estudos de Linguagem. Professora Associada da Universidade Federal Fluminense. Email: [silviam@id.uff.br](mailto:silviam@id.uff.br)

2 Cíntia Regina Lacerda Rabello. Doutora em Linguística Aplicada. Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense. Email: [cintiarabello@id.uff.br](mailto:cintiarabello@id.uff.br)

3 Joel Austin Windle. Professor Associado de Educação na University of South Australia. E-mail: [joel.windle@unisa.edu.au](mailto:joel.windle@unisa.edu.au)

## REFERÊNCIAS

CAZDEN, Courtney; COPE, Bill; FAIRCLOUGH, Norman; GEE, Jim; KALANTZIS, Mary; KRESS, Gunther; LUKE, Allan; LUKE, Carmen; MICHAELS, Sarah; NAKATA, Martin. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, Harvard, v. 66, n. 1, p. 60-92, 1996.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

WINDLE, Joel. Hidden features in global knowledge production: (re)positioning theory and practice in academic writing. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 355-378, 2017.